



Temas:

**Palestra sobre
vegetarianismo/veganismo**

**Artigo de opinião sobre a
eutanásia**

**Entrevista a uma aluna
vegan**

**Entrevista a aluna de
intercâmbio**

Projetos de Psicologia B

Ensaio filosófico

Trabalhos de Desenho A

**Informações sobre
coronavírus**

Artigo de opinião sobre a Eutanásia

Muito para além das questões éticas, médicas e jurídicas, o debate sobre a eutanásia é um debate sobre direitos humanos, sobre liberdade e autonomia, sobre a vida e sobre a forma como a queremos viver e sobre o modelo de sociedade que queremos.

A Eutanásia é a prática pela qual determinado doente, possuidor de uma doença incurável, põe termo à sua vida de forma controlada e assistida.

Hoje em dia promove-se uma cultura de distanásia, em alguns casos injustificada para o quadro clínico da pessoa, sendo que hoje é a única forma, não sendo passível de escolha, que qualquer doente terminal tem.

Diferenciar eutanásia de suicídio assistido é deveras um ponto fulcral, então comecemos por aí.

Etimologicamente eutanásia, significa "morte boa" (*eu* = bom/boa; *thánatos* = morte) ou "morte sem grandes sofrimentos". Eutanásia ativa nada mais é que uma das classificações conferidas pela doutrina, à eutanásia. De maneira simples, é o ato deliberado de provocar a morte sem sofrimento do paciente. É chamada de ativa, pois importa em conduta comissiva, haja vista que se pratica um ato lesivo, que, dentro de certas circunstâncias e condições, conduz o paciente à morte desejada. É o exemplo da injeção letal. É de importância que se note que a criação do risco, em tal situação, corre por conta do próprio agente, e, não do paciente. Já a morte assistida (ou suicídio

assistido ou morte medicamente assistida) consiste no auxílio para a morte de uma pessoa, que pratica pessoalmente o ato que conduz à sua morte (ao seu suicídio). Há de se notar que na morte assistida a criação do risco é gerada pelo próprio paciente (essa é uma forma de autocolocação em risco, diante de conduta própria). O agente (o terceiro), nesse caso, apenas auxilia, não originando o ato criador do risco. Nisso é que a morte assistida difere da eutanásia.

A sociedade portuguesa debate agora este tema, discussão muitas vezes assombrada por argumentos populistas e alarmistas, que contribuem para poluir a discussão com desinformação e criar o medo, promovidos por quem não vê a eutanásia como uma opção, ao ponto de, ignorando a laicidade do Estado, se trazer por diversas vezes para a discussão argumentos religiosos.

Neste "debate", o que está em causa não é uma opção entre a vida e a morte, mas sabendo o doente qual o seu destino, uma escolha entre duas formas de morrer, isto é, a escolha entre uma morte livre e digna e uma morte agonizante decorrente da doença. E isto é assim porque não podemos olhar a vida apenas de uma perspectiva meramente biológica porque ela é muito mais do que isso. Está em constante construção. É o resultado das nossas experiências, das nossas escolhas e das nossas convicções. Não se trata de um dom que nos foi dado ou de algo inato. É mutável e vai sendo

construída com as opções que tomamos e que nos tornam naquilo que somos.

Um dos argumentos apresentados por muitos, que consideram que é contra a ética a prática da eutanásia, é que hoje em dia possuímos uma rede de cuidados paliativos muito deficitária, sendo que por isso as pessoas queiram que se desenvolva uma rede melhor de cuidados paliativos para que a pessoa possa frequentar um local em que a distanásia é reinante, e promover assim melhores condições na última etapa de vida. Mais uma vez, defendo que sim à ideia de que a melhoria dos cuidados paliativos é aprazível, mas em nada impede a ideia de tornar a eutanásia legal, uma vez que estes não eliminam por completo o sofrimento em todos os doentes nem impedem por inteiro a degradação física e psicológica e, em muitos casos, os efeitos associados a estes tratamentos, nomeadamente náuseas e alterações de consciência, podem comprometer a autonomia e a qualidade de vida dos pacientes, pelo que existem doentes que a eles não pretendem recorrer. Desta forma, a despenalização da eutanásia não conflitua nem exclui os cuidados paliativos, nem implica um menor investimento nesta área.

Não me querendo estender mais, quero terminar dizendo que a vida é um direito, não uma obrigação, e por isso não é aceitável que sejamos forçados a estendê-la para além da nossa vontade. Cada pessoa deve ter o direito a viver de acordo com a sua visão do mundo, não devendo esta ser imposta por terceiros, como

agora acontece, em que os doentes se veem impedidos de decidir pela existência de restrições legais, estando o Estado, de uma forma que qualificamos como inconstitucional, a ditar às pessoas o modo como estas devem gerir a sua vida. Em defesa da autonomia e da liberdade, entendo que ser competente e autónomo, significa também ser livre e responsável pelas suas escolhas, o que, significa, também, ser-se livre de poder escolher quando e como morrer.

Aquilo que temos de perguntar e refletir sobre é: que tipo de sociedade queremos?

Cláudia Ribeiro, 12ºA

Entrevista a aluna de intercâmbio

MaPrang é uma aluna tailandesa de 18 anos que decidiu fazer um intercâmbio em Portugal. Entrevistámo-la para saber se está a gostar da sua experiência e do nosso país.

Descreve brevemente de onde vens.

“Eu sou do norte da Tailândia, ChiangMai. Há muitas montanhas e é uma cidade muito tradicional.”

Como funciona o teu “intercâmbio”? E como o defines? É algo parecido a Erasmus?

“Estou num programa de intercâmbio chamado AFS Intercultural Programs e é muito parecido com o Erasmus. Estudantes dos 15 aos 17 anos podem participar.”

O que te encorajou a ir nesta jornada? E o que é que a tua família e amigos mais próximos acharam da tua decisão?

“O que me fez inscrever neste programa foi o facto de a maioria dos meus amigos também se terem inscrito, por isso quis experimentar também. Mas, principalmente, quis aprender uma nova cultura e uma terceira língua (para além da minha e de Inglês). Felizmente, quando disse aos meus pais que isto era algo que queria fazer, eles apoiaram a minha decisão.”

Quando decidiste realmente ir, quais eram os países que tinhas em mente e porquê Portugal entre tantos outros?

“Portugal foi a minha primeira opção porque na Tailândia é raro alguém falar português, portanto se eu aprendesse, iria destacar-me e torna-se mais fácil entrar na universidade ou encontrar trabalho. Outra razão foi o facto de querer saber mais sobre a cultura e as tradições de Portugal, uma vez que há 300 anos tinham uma boa relação de comércio e diplomacia.”

Antes de partires da tua terra natal, quais eram as tuas expectativas e medos?)

“Eu esperava fazer muitos amigos, fazer muitas atividades novas e aprender português o melhor que conseguisse. Tinha medo de sentir saudades de casa, do “choque de culturas” e que não falasse bem português.”

Qual foi a tua primeira impressão quando chegaste a Portugal?)

“É um país belíssimo e muito pacífico. É bastante interessante. Senti-me muito entusiasmada porque nunca tinha viajado para o estrangeiro.”

Quanto tempo vais ficar em Portugal?

“10 meses. Desde setembro de 2019 até junho de 2020.”

Que semelhanças e diferenças existem entre Portugal e Tailândia? O que te surpreendeu mais?

“São completamente diferentes. Em relação à língua, a portuguesa tem origem latina enquanto que a tailandesa é baseada em Pali Sanskrit. Na Tailândia temos apenas 3 estações: verão, inverno e estação das chuvas (*raining season*), ao contrário de Portugal, que tem 4. No que diz respeito à comida, a tailandesa é muito mais picante. O que mais me surpreendeu quando cá cheguei é que a maioria das pessoas tem sempre a janela do carro aberta quando o ar condicionado está ligado.

Quais são as diferenças na educação entre os dois países?

“A educação tailandesa tem muitas disciplinas no nível 12 (12º ano). Por exemplo, a minha turma tem 15 disciplinas: Biologia, Física, Química, Tailandês, História, Estudos Sociais, Matemática Básica, Sub Matemática, Educação Física, Cidadania, Carreira, Tecnologia, Inglês Básico, Inglês (escrita e leitura) e uma terceira língua. No entanto, nos testes de final do ano fazemos apenas de 12 disciplinas. Na Tailândia há apenas 2 períodos sendo o primeiro de maio a outubro, seguido de um período de férias de três semanas, e o segundo período de novembro até março.

O que achas da nossa escola/comunidade escolar?

“Eu gosto muito do sistema da nossa escola. Os professores prestam sempre atenção a alunos estrangeiros com eu, como também aos outros alunos também. A primeira vez que vim para esta escola senti-me muito bem recebida. Sinto que somos uma verdadeira família.”

Já comeste algum prato tipicamente português? Se sim, gostaste? Qual o teu favorito?

“Sim, já comi. Há comidas que gosto e outras que não. A minha favorita é francesinha.”

Já fizeste muitas amizades? O que pensas das pessoas da nossa escola?

Claro!!!! Já fiz muitos amigos. Conheço muita gente (não apenas da minha turma!) Gosto muito das pessoas nesta escola. Vêm sempre falar comigo mesmo que não sejamos conhecidos e isso faz-me muito feliz.”

Que outras atividades fazes, para além das escolares?

“Eu entrei na escola de dança “School Dance”. São todos muito simpáticos e ajudam-me sempre que não entendo alguma coisa. Sinto-me extremamente bem quando estou com eles e sinto que já faço parte da família. Quando tenho tempo livre, gosto de ir nadar nas Piscinas Municipais. Tenho também pensado em entrar em boxing tailandês.

Como é a tua família hospedeira? O que normalmente fazes com ela?

“É extremamente simpática, gosto muito de estar com ela. Normalmente, viajamos. Eles gostam sempre de me levar a novas cidades.”

Já encontraste sítios em Portugal que gostas? Se sim, quais e porquê?

“Sim, eu adoro o Porto. Já lá fui muitas vezes. Tem muitos monumentos que acho interessantes. Também gosto de ir porque se veem muitos asiáticos, e ao vê-los sinto-me em casa.”

Sentes saudades de casa? O que fazes quando sentes saudades da tua família e amigos?

“Agora não tenho muitas saudades. Pelo menos não como antes. Nos primeiros três meses eu chorava quase todos os dias. Quando os meus pais e os meus amigos me ligavam e me perguntavam como estava eu chorava sempre.”

Achas que esta experiência te vai ajudar no futuro?

“Esta experiência dá-me novas perspetivas já que experiencio coisas novas, torna-me mais adulta e madura. Dá-me a conhecer uma nova cultura, novos horizontes e ensina-me a resolver problemas sozinha. Mas, principalmente, muda a minha perspetiva de vida. Apercebi-me que não é fácil resolvermos tudo sozinhos, mas ao conseguirmos ultrapassar certos obstáculos, estamos a crescer.

Ensaio Filosófico

O conhecimento é possível?

Neste ensaio filosófico irei responder a um dos problemas do conhecimento, sendo este a sua possibilidade ou não. O conhecimento como um problema tem sido debatido ao longo dos séculos. Desde Platão aos filósofos contemporâneos, o conhecimento tem vindo a ser abordado com diferentes teses, apresentando estas respostas ao longo do tempo.

O conhecimento trata-se de um problema epistemológico, estabelecendo a relação entre o sujeito (aquele que conhece) e o objeto (aquele que é conhecido). A importância

do conhecimento e do seu debate na sociedade está no progresso que este problema implica. Mais do que debater, é importante refletir. Pensar sobre a possibilidade da sua existência e na sua origem ajuda-nos na evolução, no sentido crítico, bem como na confiança enquanto seres. E, talvez, só pelo de facto de pensar, já possuo este conhecimento, cujos mistérios irei explorar neste ensaio.

Primeiramente, considero de grande relevância referir que, assim como Descartes, não assumirei qualquer posição inicialmente. No entanto, encontrarei a minha própria

resposta, já no final deste ensaio. Acredito que a minha visão acerca deste problema está na junção de todas as respostas ao mesmo, ao longo do tempo. Começarei por explorar a resposta de Platão e acabarei com a de Kant, sendo esta última com a qual me identifico mais.

Platão desenvolveu a sua resposta com base na Alma e no Mundo das Ideias, coisa que me surpreendeu. O filósofo da Antiguidade acreditava que todos teríamos vindo do tal “Mundo das Ideias” (onde possuiríamos todo o conhecimento) e que ao vivermos no mundo que achamos real (o de agora), o ter-mo-íamos perdido por completo. A resposta de Platão desenvolve-se muito além do que aqui escrevo, no entanto a sua tese consiste exatamente nisto. Se possivelmente é um absurdo? Sim, mas não significa que seja de todo falso.

Falaremos agora de um filósofo francês, conhecido como o “Pai da filosofia moderna”, Descartes. Este não só foi filósofo como matemático procurando, muitas vezes, respostas pelo meio da aritmética e geometria. O filósofo moderno viveu num período de revolução, assistindo ao conformismo da sociedade em relação ao ceticismo, tendo sido ele o primeiro a aprofundar a questão que o mesmo apresenta. Começa, desta forma, provisória, hipérbole e universalmente por suspender o juízo, partindo do princípio de que não há, de facto, verdades absolutas. O seu método era a dúvida e foi a partir dela que triunfou o ceticismo. No seu livro “Discurso do Método”, logo na meditação primeira, negou tudo o que tinha origem nos sentidos, considerando estes uma ilusão que, se nos enganaram no passado, poderiam fazê-lo

novamente; negou tudo o que tinha origem nos sonhos, não encontrando distinção entre vigília-sono e acabou a meditação negando tudo que é proveniente de paradigmas matemáticos, defendendo que o Homem é capaz de errar até no raciocínio mais simples e elementar. Depois disto, procurou aprofundar o problema centrando-se em Deus, explicando a possibilidade de este nos ter enganado ao ponto de nos fazer acreditar que temos um corpo, uma mente e uma alma. Logo de seguida se corrigiu, dizendo que se Deus é o Ser da bondade, o Ser Perfeito, tal coisa este não pode fazer. Como consequência da sua linha de raciocínio, encontrou o termo “Génio Maligno”, que melhor se adequa à sua ideia inicial. Se o “Génio Maligno” é capaz de nos enganar e de nos fazer duvidar, então teremos de existir. “Se penso, logo existo” é a resposta final de Descartes ao problema do conhecimento. Uma das objeções à sua tese é a não existência, ou não pensarmos de todo. No entanto, refuto esta objeção com base em factos científicos, que nos provam que nunca paramos de pensar. Logo, nunca paramos de existir. Agora falarei um pouco de uma das respostas apresentadas por Hume, que, pessoalmente me é a mais fascinante, tendo esta o seu fundamento e valorização.

Hume pode ser conhecido por muitos como um cético moderado. Este diz que possuímos uma mente, constituída por percepções, que, posteriormente, causam os objetos exteriores. O Argumento do mundo exterior, defendido por Hume, fala-nos da nossa incapacidade de ver além das nossas ideias mentais, não havendo forma de descobrirmos se

estas correspondem aos objetos exteriores, pelo que o nosso cérebro apresenta limitações. Em todo o seu argumento, as ideias são claras e distintas, não encontrando eu qualquer falácia. No entanto, a tese em si de Hume deixa muito a desejar. Por essa razão, recorro a Kant, que me ajuda a formular e, de certa forma, completar a minha tese pessoal, já que cada um é dono da sua própria filosofia.

Kant é o chamado “filósofo das águas”, fazendo transparecer todas as teorias, e, tal como a água que se liga a outros elementos químicos, por meio da sua geometria, as liga. Este filósofo apresenta a crítica ao raciocínio puro, fazendo ponte entre o raciocínio e a sensibilidade, defendendo que nenhum dos dois pode existir sozinho. Kant fazia duas divisões entre as impressões e as ideias. As impressões são provenientes dos sentidos, mas para que estas cheguem ao lado cognoscível, é necessário usarmos as ditas “faculdades do sujeito”, que, segundo Kant, são o tempo e o espaço. O espaço apresenta a forma de sentido externo e o tempo a forma de sentido interno, havendo a necessidade que usemos ambos para que as impressões se transformem em

conceitos. De todas as objeções que conheço a Kant, não há nenhuma que não me pareça não trivial, já que todas se baseiam em falta de interpretação.

Com tudo isto, acabo por chegar à minha resposta ao problema do conhecimento, vindo esta de mim e de mim apenas. Na minha opinião, todas as teses ao longo do tempo apresentam pontos com os quais concordo e, por todas elas, de uma forma ou de outra, provarem a possibilidade do conhecimento, sou confiante de dizer que sim, o conhecimento é possível. Mas mesmo que não o seja, a possível ilusão em que vivo ajuda-me e permite-me a isso mesmo, a viver. Existir com o pensamento de que, de facto, tenho a certeza de alguma coisa, seja ela qual for, permite-me ver a vida com confiança e positividade. Acredito que o conhecimento tem origem tanto na razão, como na sensibilidade e por essa razão acabarei com uma das frases de Kant, que resumem tudo aquilo em que me baseio: “Sem sensibilidade nenhum objeto nos seria dado, e sem entendimento nenhum seria encontrado. Pensamentos sem conteúdos são vazios, intuições sem conceitos são cegas.”

Cláudia Ribeiro, 12ºA

Palestra sobre vegetarianismo/veganismo e entrevista a aluna

No dia 30 de janeiro foi realizada uma ação de sensibilização para a redução no consumo de produtos de origem animal, que consistiu numa palestra organizada pelas alunas Ângela Venusa, Beatriz Bessa, Inês Correia e Marta Sousa do 12ºB, no âmbito da disciplina de Psicologia B. Nesta ação estiveram presentes duas jovens vegetarianas, alunas da Escola Secundária de Lousada, uma jovem vegan universitária, um sociólogo da Associação Vegan portuguesa e uma nutricionista.

Vários tópicos foram abordados, desde a relação que estabelecemos com os animais, a forma como estes são tratadas antes e durante o seu abate, os benefícios do vegetarianismo e veganismo, bem como a diferença entre os mesmos e por fim a experiência das três alunas, isto tudo com a intervenção dos restantes alunos e professores presentes que tiveram a oportunidade de transmitir as suas opiniões.

Tivemos a oportunidade de falar posteriormente com uma das alunas da nossa escola, a Nádía, que aceitou falar mais detalhadamente sobre a sua experiência pessoal. Nádía tornou-se vegetariana há cerca de dois anos e quando questionada sobre o que a motivou a adotar este estilo de vida respondeu “A compaixão pelos animais foi o motivo inicial, mas expandiu se até ao campo de problemas ambientais e saúde”, afirma também que “A transição para vegetariana não foi muito difícil. O mais difícil é a minha transição de momento, de vegetariana para vegan”. Perguntamos se alguma vez se sentiu excluída, ao qual respondeu “Sim, em várias ocasiões e situações, desde a cantina da escola até eventos familiares onde as minhas opções são limitadas, normalmente, a saladas e sopas”.

Relativamente ao concelho de Lousada afirma que “No geral, Lousada fornece o básico das condições necessárias a este modo de alimentação porque facilmente temos acesso a todos os nutrientes essenciais, como a proteína, em supermercados do concelho”, mas que “Evidentemente que poderá tornar se mais inclusivo se começar a ter em conta que o número de vegetarianos está a aumentar e principalmente os adolescentes estão a adotar este estilo de vida, por isso mesmo as escolas deveriam abranger outras opções”. Para concluir, falou dos imensos benefícios que surgiram na sua vida desde que se tornou vegetariana “Melhorou a minha saúde em vários aspetos, senti-me mais leve e realizada, desenvolveu-me a nível pessoal por ter que estar "contra" as regras da sociedade tradicional e consegui ligar-me a várias causas relacionadas com o mundo”, sendo a mensagem que deseja transmitir às pessoas que já pensaram ou mesmo pretendem começar a abdicar de produtos animais é que “sejam mais compreensíveis com a dieta vegetariana ou vegan e que tentem dar uma oportunidade a este estilo de vida que nos consegue mudar por completo e para melhor”.

Projetos de psicologia

As alunas Ana Ribeiro, Inês Silva, Joana Dias e Joana Nogueira, da turma 12ºE, no âmbito da disciplina Psicologia B, coordenada pela professora Graça Lopes, desenvolveram um projeto baseado nos Direitos Humanos, denominado “Uma resposta para a vida”.

Quando perguntadas sobre questões sociais importantes e relevantes a tratar assumimos a crise intemporal que nos acompanha: os Direitos Humanos.

As alunas pretendem assim, com este trabalho contrariar uma parte do que se encontra errado, sublinhar a importância da luta pela humanidade e o papel fundamental de cada um de nós neste grande projeto que é a humanidade.

O projeto tem como objetivos específicos:

- A projeção de lacunas sociais;
- A ilustração de problemas, trazendo-os à discussão e confrontá-los nas mais altas patentes a fim de que sejam resolvidos.
- A sensibilização, primeiramente no ambiente escolar estimulando e alertando para as crises mundiais de ofensa aos direitos humanos que o rodeiam.
- Em seguida, na sociedade a resolução profícua mais do que necessária.

Para desenvolver este projeto as alunas irão realizar atividades como:

- Debate sobre a eutanásia;
- Vídeo ilustrativo sobre a morte ao redor do mundo;
- Reuniões com entidades municipais, nacionais e internacionais relativamente á crise de refugiados;
- Intervenção nas escolas primárias relativamente a crianças refugiadas/europeias;
- Afixação de cartazes pelas escolas relativamente a todas as outras crises não trabalhadas.

1ª Atividade - Debate sobre a eutanásia

A 7 de fevereiro de 2020, pelas 10:15h realizou-se no auditório municipal um debate sobre eutanásia com a comunidade escolar, nomeadamente alunos de 10º e 11ºanos.

Contou-se na mesa de oradores com a presença do Doutor Miguel Ricou, psicólogo clínico e Presidente da Comissão de Ética dos Psicólogos Portugueses, a Enfermeira Teresa Magalhães profissional de saúde na Unidade de Cuidados Paliativos Pediátricos do Porto - Castelo, e com o pároco das freguesias de Boim, Cristelos, Pias e Silvares, Paulo Godinho.

Um debate que se revelou bastante interativo devido às constantes trocas de opiniões; educativo, devido aos conceitos aprendidos, e esclarecedor na existência da vertente profícua e clara de desmistificação de determinados conceitos.

Outros temas relacionados surgiram como o suicídio, autoestima, depressão, bullying, entre outros.

Trabalhos de Desenho A

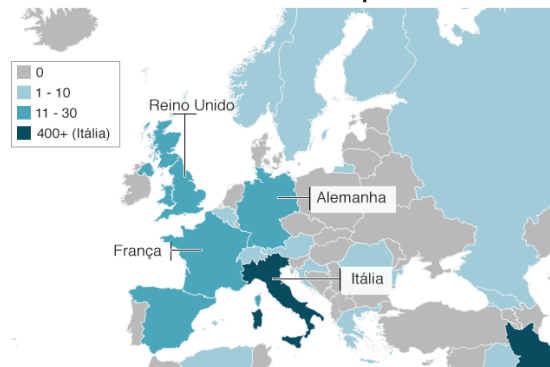
Os alunos do 12ºI, orientados pelo professor Paulo Matos, em âmbito da disciplina de Desenho A, realizaram alguns trabalhos, dos quais alguns se seguem fotos:



Informação sobre coronavírus

Em toda a Europa há cada vez mais países afetados pelo coronavírus. São agora 17. No total, há 16 mortes, 14 em Itália e duas na França. Esta quinta-feira, a Dinamarca, Estónia e Noruega entraram para a lista de países que registam casos confirmados do vírus.

Casos de coronavírus na Europa



Fonte: OMS (dados até 27 fev)

NOVO CORONAVÍRUS 2019-nCoV

SABES COMO TE PODES PROTEGER?

- QUANDO ESPIRRARES OU TOSSIRES TAPA A BOCA E O NARIZ COM O BRAÇO
- LAVA AS MÃOS COM FREQUÊNCIA
Antes das refeições, quando chegas à escola e a casa
- NÃO PARTILHES OS TEUS OBJETOS E COMIDA

CASO TENHAS ALGUMA DÓVIDA, PERGUNTA AO TEU PROFESSOR OU À TUA FAMÍLIA

REPUBLICA PORTUGUESA | SNS | 120 DGS | REPUBLICA PORTUGUESA

Ficha Técnica:

Colaboração:

Ana Rita Ferreira

Cláudia Ribeiro

Cristiana Pimenta

Mafalda Oliveira

Deixamos aqui um email para o qual nos podem enviar projetos, assuntos ou trabalhos que gostariam que fossem partilhados nas próximas edições.

jornalaelousa1920@gmail.com